

## AS MONTANHAS NO CICLOTURISMO NO CAMINHO DA FÉ

Roberto Marin Viestel<sup>1</sup>

Maria Cristina Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Inaugurado em 2003, o ramal principal do Caminho da Fé (CF) é uma rota de peregrinação predominantemente de estradas de terra com topografia acidentada, tendo início em Águas da Prata/SP e destino à Basílica de Aparecida. A cada ano tem atraído milhares de peregrinos, destacando-se cicloturistas. A bicicleta possibilita uma prática de lazer de cicloturismo em um lugar com a predominância de montanhas. Tem-se por objetivo demonstrar que há uma atitude dos cicloturistas em relação às montanhas, sendo esses elementos naturais constituintes de espaços geográficos diferenciados, em que o relevo dá singularidade para a contemplação e reflexão. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou observação direta, diário de campo, entrevista semiestruturada. Os resultados apontam na direção de que, no mundo moderno, a carga emocional permanece como um forte elemento estético de nossas atitudes em relação às montanhas, que possibilitam a experimentação de vivências e o despertar de sensibilidades em relação à paisagem.

**Palavras-chave:** Caminho da Fé. Cicloturismo. Montanha. Bicicleta.

### Introdução

O ramal principal do CF tem início em Águas da Prata/SP, atravessa o Sul de Minas Gerais e termina em Aparecida/SP, junto à Basílica de Nossa Senhora. Trata-se de um caminho com mais de 300 km de extensão, percorrido em sua maior parte em terreno acidentado e com altitude média de 1.000m. A bicicleta de montanha (*Mountain bike* – MTb) tem sido o principal meio de transporte para percorrer o CF, cuja topografia é um dos principais desafios para a prática do MTb.

O CF é constituído de estradas de terra irregulares, com vários trechos com voçorocas, buracos, pedregulhos, pedras cortantes, cascalho, areia, galhos de vegetação, não raro pedaços de arame farpado e uma infinidade de lixo sólido (latas de alumínio, embalagens de todos os tipos etc). A maior parte do caminho é constituída de montanhas, assim, os cicloturistas têm de pedalar, equilibrar-se, enfrentar fortes ventos e carregar o corpo montanha-acima/montanha-abaxo, ao longo da peregrinação.

Este trabalho objetiva demonstrar que há uma atitude dos cicloturistas em relação às montanhas, sendo essas elementos naturais constituintes de espaços geográficos diferenciados em que o relevo dá singularidade para a contemplação e reflexão. Talvez, o que quer que seja que se entenda como espiritualidade, seja, também, uma relação de cumplicidade entre o homem e a terra, propiciada em uma rota de peregrinação. Neste contexto, as montanhas poderiam ser signos de vivência geográfica cara à prática do cicloturismo – uma vez que homem e máquina andam juntos em sua conquista ao topo – mas que, ao mesmo tempo, também, é uma oportunidade para contemplar o que há de belo na natureza que nos resta, uma aproximação que há entre cultura e natureza ocidental (Schama, 1996).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos do Lazer PPGIEL/EEFFTO/UFMG, Professor IFSULDEMINAS, roberto.marin@ifsuldeminas.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, m.crosa@hotmail.com.

## Metodologia

Atualmente existem poucos estudos sobre o cicloturismo, bem como o ciclismo em geral (Saldanha *et al.*, 2015; 2017). Além disso, estudos que abordem, qualitativamente, a relação do cicloturismo com a topografia, parecem ser mais raros ainda. Nesta pesquisa, então, optou-se pela abordagem qualitativa (Minayo *et al.*, 2002) para entender essa relação. Para estudar o cicloturismo no CF de 2019 até o momento foram realizadas ciclovíagens acompanhando cicloturistas por diferentes trajetos, geralmente aos finais de semana e feriados, criando momentos de aproximação que nos permitiu entrevistá-los. Escolhidos aleatoriamente e convidados a serem voluntários desta pesquisa (Moré, 2015), foram entrevistados até o momento 11 cicloturistas. As perguntas exploradas nesta comunicação foram: Quais paisagens você destaca ao longo do Caminho da Fé? Quais paisagens têm lhe chamado mais a atenção e por quê?

## Resultados e Discussão

As paisagens destacadas pela maioria dos cicloturistas entrevistados foram às montanhas, embora a pergunta não fizesse referência às mesmas. As mais lembradas foram aquelas que apresentam os maiores graus de dificuldade e técnica de subida e descida, como o Pico do Gavião, em Águas da Prata/SP; a Serra dos Lima, em Crisólia/MG; a Porteira do Céu e a descida do Pantano dos Teodoro, ambas em Borda da Mata/MG; e a Serra da Luminosa, na fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo.

Há uma sensibilidade paisagística em que valores e normas são estéticos (a ideia do belo), contudo, possuem também uma dimensão técnica e material (Besse, 2014). A dimensão técnica, como, por exemplo, o uso da bicicleta como meio de transporte para vencer a dificuldade de montanhas contribui para definir os objetos paisagísticos e os afetos particulares causados por essa. No Caminho da Fé, então, é possível ser atingido sentimentalmente pela paisagem, sendo que os objetos paisagísticos que a compõem, como capelas, oratórios etc, despertam sentimentos particulares nos cicloturistas que, geralmente, associam o sentimento estético de beleza com o grau de dificuldade técnica para vencer uma montanha.

Assim como os mares e desertos, as montanhas desafiam o controle humano, uma vez que são elementos permanentes presentes no mundo dos homens (Tuan, 1980). No CF esse controle é testado a cada momento. Raros são os trechos em que se pedala em planícies. As cristas das montanhas são permeadas de um sobe-e-desce que parece sem fim. Um cicloturista, de Santa Catarina, respondeu que nunca tinha visto tanta subida e destacou que no CF se anda pelo alto. Nesse desafio de navegabilidade, alcançar o topo de uma montanha e, em seguida, descê-la sem cair da bicicleta, pode propiciar aos cicloturistas possibilidades de vivências e o despertar de sensibilidades.

Alguns cicloturistas disseram que quando chegam no topo de uma montanha é como estar em contato com o sagrado. Devido a altitude elevada do caminho, em diversos momentos se pedala, literalmente, entre as nuvens. Há um encontro entre o céu e a terra e esta topografia permite que, culturalmente, o espírito humano atinga um sentimento de dimensão cósmica (Tuan, 1980). Outros cicloturistas, ao contrário, responderam que é nas montanhas que encontram a beleza do lugar, revelando-nos a percepção da paisagem a partir de uma atitude estética (Besse, 2014).

## Conclusão

As montanhas do CF foram compreendidas pelos cicloturistas como paisagens. O aspecto sentimental, presente em uma rota de peregrinação religiosa, encanta emocionalmente com a presença das montanhas. Dificilmente esse sentimento estaria presente se não fosse uma dimensão objetiva da paisagem, ou seja, o CF – apesar de todo encantamento que desperta nos cicloturistas – é uma recurso espacial com uma materialidade presente e, é justamente esta materialidade, que permite a experimentação de um produto imaginário como resultado de um conjunto de afetos

Seja em contato imaginário com o sagrado, seja com a beleza estética, no mundo moderno percebe-se uma carga emocional que se fascina com a vivência experimentada junto à terra. Ao longo do percurso do CF, constata-se que os cicloturistas têm atribuído sentidos de valor, designando-o como desafiante e carregado de espiritualidade e fé; ao mesmo tempo, apontam-no como belo e difícil de ser percorrido de bicicleta.

## Referências

- Besse, Jean-Marc (2014). *O gosto do mundo: Exercícios de paisagem*. Editora da UERJ.
- Minayo, M. C. de S.; Deslandes, S.F.; Gomes, R. (2002). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Moré, C. L. O. O. (2015). A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde – Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais/Investigación Cualitativa em Ciencias Sociales*, (3), Atas CIAIQ, <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>
- Saldanha, L.; Santos, M. P. de S.; Fraga, C. (2015). *O papel de instrumentos de planejamento para o desenvolvimento do cicloturismo em âmbito internacional*. XIII Rio de Transportes. Rio de Janeiro, 19 e 20 de agosto de 2015. <https://observatoriodabicicleta.org.br/uploads/2021/03/PlanejamentourbanoeicloturismoLuizSaldanha1.pdf>
- Schama, S. (1996). *Paisagem e memória*. Companhia das Letras.
- Tuan, Yi-fu (1980). *Topofolia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Difel.